

As Variedades da *Laelia purpurata*

Osmar Tessmer*



Laelia purpurata var. *striata* 'Canto Grande'
Cultivo — Cláudio Deschamps

Na região sul do Brasil, habitat de eleição da *Laelia purpurata*, esta orquídea sempre foi e continua sendo a mais apreciada e a mais cultivada. E não é sem razão, pois esta espécie é lindíssima, apresentando flores com coloridos e formas magníficas, capazes de encantar o mais exigente orquidófilo. Além de sua beleza, a *L. purpurata* é também, entre as inúmeras espécies de orquídeas, uma das que mais variabilidade apresenta.

Sendo uma orquídea tão querida e com tantos atributos, é natural que, da mesma, seja conhecido grande nú-

mero de variedades. Foi com o intuito de registrar e divulgar as variedades, hoje aceitas pela orquidofilia sulina, e, também, para aclarar aspectos pouco conhecidos de orquidófilos de outras regiões, que foi preparado este trabalho sobre as variedades da mesma.

Para muitos orquidófilos falar sobre as variedades da *L. purpurata* sempre foi um assunto um tanto obscuro; já para os purpureateiros, esse tema não raro tem sido motivo de muita discussão. Atualmente, entre estes últimos, não tem havido muita polêmica sobre o assunto. A estabilidade dos regulamentos de exposição demonstra isto, o que pode ser um sintoma de que eles, hoje, reflatam um certo consenso sobre o assunto. Apesar desta possibilidade ser real é preciso registrar, a bem da

* Rua Geral do Campeche, 77 — Campeche — SC — 88.000.

verdade, que muitas variedades estão gradativamente desaparecendo das coleções e das exposições. Tal fato é devido à grande ênfase dada exclusivamente à forma ou à “armação” das flores. Neste aspecto, forçoso é reconhecer, os purpureateiros vem cometendo um pecado contra a preservação da *L. purpurata*. Por conta deste pensamento, clones de variedades raras e, às vezes, únicos, estão desaparecendo somente por não terem boa forma. É o caso de muitas russelianas, vinicolores, coeruleas e de variedades de forma como aquinóide, pelliaria e outras.

Fora dos Estados do sul do Brasil, as variedades (horticulturais) da *L. purpurata* são pouco conhecidas, do modo como serão apresentadas aqui.

Antes de apresentá-las porém, será esclarecedor falar sobre dois assuntos pertinentes. O primeiro diz respeito à diferença entre variedade no sentido horticultural e no sentido científico. O segundo assunto refere-se ao histórico das variedades horticulturais da *L. purpurata*.

Variedade no sentido científico toma em consideração diferenças típicas permanentes de qualquer parte da planta, inclusive da flor. Para a ciência porém, não são consideradas variedades as tonalidades diferentes de colorido e nem os desenhos diferentes do normal da espécie, formados pelos coloridos nas flores. Para os orquidófilos, porém, estes são os dois principais aspectos de interesse e são os determinantes das variedades horticulturais.

Em matéria de variedade, no sentido científico e horticultural, só há uma coisa em comum: serem permanentes. Assim, em nenhum caso, são aceitas como variedades formas diferentes decorrentes de modo de cultivo ou de mudança de ambiente.

Para melhor compreensão das variedades da *L. purpurata*, é preciso também conhecer um pouco da história dos atuais regulamentos de exposições adotados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A coleta de *Laelia purpurata* na natureza iniciou-se após sua descoberta para a ciência, o que ocorreu em 1852, quando ela foi estudada a descrita por Lindley. A partir daí, foram retiradas de seu habitat enormes quantidades

desta orquídea, muito exportada, especialmente para a Europa, dando origem a um comércio nas regiões de origem que durou mais de 100 anos e perdurou até a década de 60. Muito foi exportado através do porto de Florianópolis, tanto que Hoehne, ao relatar sua visita à Ilha de Santa Catarina em 1927, em sua Iconografia de Orchidaceas do Brasil, escreveu que Florianópolis constituía-se no maior empório de orquídeas do sul do Brasil. E de orquídeas exportava-se *Laelia purpurata*, quase que exclusivamente. Imagine-se a enorme quantidade de plantas que daqui saíram durante este longo período.

Na época em que a *L. purpurata* foi intensamente coletada e avidamente colecionada nos meios orquidófilos europeus, muito foi escrito sobre a mesma e sobre suas variedades.

Em 1950, Ferdinand J. Krackowizer, orquidófilo associado ao Círculo Paulista de Orquidófilos, CPO, publicou o livro “Monografia da *Laelia purpurata*, suas variedades e seus híbridos”. Trata-se de uma obra invulgar e que deve ter exigido do autor enorme dedicação, pois o mesmo coligiu todas as publicações sobre *L. purpurata* existentes à época e compilou-as no livro citado.

Na década de 1950, em Santa Catarina e especialmente no Rio Grande do Sul, talvez até estimulado pela publicação de Krackowizer, surgiu um inusitado hábito de colecionar raridades da *L. purpurata*. Tal costume, adotado por quase todos os orquidófilos, fez surgir um número muito grande de novos orquidófilos e todos coletavam *L. purpurata* em grandes quantidades com o objetivo de encontrar variedades novas.

Nas exposições daquela época, toda *L. purpurata* que apresentasse qualquer detalhe diferente na flor era considerada pelo seu proprietário uma nova variedade. Com isto, sendo a planta única, como quase sempre acontecia, ficava estabelecido o monopólio da variedade e, o que era mais importante, não havia competidores naquela nova variedade.

Como os prêmios fossem então disputadíssimos, esta era uma forma de assegurá-los de antemão.

Só para exemplificar, em Florianópolis, eram muito cobiçadas as variedades russelianas e entre os colecionadores havia um que se orgulhava de possuir 17 variedades da mesma. Este gosto e esta maneira de colecionar começaram a gerar dificuldades nos julgamentos das exposições, pois cada colecionador, como o que tinha 17 variedades de *L. purpurata* var. *russeliana* queria um julgamento à parte para cada planta, já que as considerava de variedade diferente das demais e injusto que competissem entre si, só como russelianas.

Surgiu, por esta razão, a necessidade de criar regulamentos para as exposições, com definição clara das variedades, estabelecendo assim quem competia com quem. A referência que havia na época era a publicação de Krachowizer, onde eram citadas 220 variedades.

Havia também necessidade de estabelecer "variedades" bem caracterizadas e uma forma de desconsiderar pequenos ou mínimos detalhes como geradores de novas variedades.

Este trabalho foi feito no Rio Grande do Sul pela Federação Gaúcha de

Orquidófilos. Através de várias reuniões e encontros, as variedades foram discutidas e definidas e elaborado um regulamento. Com o tempo, este regulamento sofreu várias alterações e aprimoramentos. Em Santa Catarina, ele foi introduzido, pelo autor, em 1976, tendo então sido adaptado à situação catarinense que difere nalgumas "variedades" daquele dos gaúchos, como acontece com a Canhanduba e a Josephinae.

A partir de 1980, com a realização da 1ª Exposição Estadual, em Florianópolis, este regulamento começou a ser adotado em praticamente todo Estado.

As variedades apresentadas adiante são basicamente as constantes do regulamento da FCO (Federação Catarinense de Orquidofilia).

Neste regulamento as variedades são divididas em dois grupos. O primeiro grupo reúne todas as variedades de colorido e o segundo reúne as variedades originadas pelo desenho formado pelo colorido nas peças florais, particularmente no labelo.

A organização das variedades da *L. purpurata* é, portanto, a seguinte:



Poderiam ser consideradas outras variedades como as que reuniriam características de colorido e de desenho.

Neste grupo ficariam, por exemplo, as russelianas-oculatas, roxo-violeta-áurea etc... O regulamento da FCO entretanto, não considera este grupo, para não estender em demasia o número de variedades.

Para evitá-lo, estabelece-se que a forma de colorido prevalece sobre o colorido. Assim, uma ardósia-striata será considerada e julgada com as striatas e não com as ardósias. Já o regulamento da FGO considera algumas variedades neste grupo como russeliana semi-alba e russeliana colorida.

Os regulamentos, tanto o gaúcho quanto o catarinense, não consideram também o que poderia ser um quarto grupo com as variedades decorrentes de mudanças na forma da flor. Tal fato é compreensível, pois poucas plantas são conhecidas. Cabe, entretanto, citar as três conhecidas, por serem raras e muito curiosas.

Conhece-se somente um clone de cada uma delas.

- *Pelloria* — nesta variedade o labelo apresenta-se como uma pétala; é também chamada de tripétala.

- *Boneca* — a mais conhecida das três. Sua característica é não ter labelo, apresentando-se a coluna totalmente desnuda.

- *Aquinóide* — uma trilabelo, planta única, pouco conhecida e da qual é conhecido somente um clone, apelidado, em Santa Catarina, de Flamea do Mato.

Após todas estas explanações vamos descrever as variedades já citadas.

Alba — esta variedade apresenta sépalas, pétalas e labelo totalmente brancos; a fauce pode apresentar-se com amarelo, que vai do claro até ao amarelo gema.

Ardósia — esta variedade caracteriza-se por apresentar o colorido cinza-chumbo típico da rocha denominada ardósia. Nesta variedade as sépalas e pétalas apresentam-se normalmente brancas ou levemente tingidas de cinza-chumbo e em alguns clones levemente estriados nas pétalas. O nome é originário da cor dessa rocha.

Canhanduba — esta variedade distingue-se pela presença do colorido li-

lãs-framboeza que apresenta no labelo; sépalas e pétalas normalmente brancas ou ligeiramente tingidas do mesmo colorido. A denominação Canhanduba provém da localidade onde foram encontrados todos os clones desta variedade, no Município de Camboriú.

Cárnea — a característica desta variedade é o colorido avermelhado no labelo, lembrando a cor de carne fresca, donde provém o nome. Este talvez seja um dos mais belos coloridos da purpurata.

Coerulea ou Caerulea — labelo apresentando o colorido cinza-azulado é a característica desta variedade. As sépalas e pétalas são normalmente brancas ou delicadamente azuladas. O nome da variedade deve-se ao colorido que lembra o azul do céu (cerúleo — cor do céu).

Josephinae — o colorido do labelo é rosa pêssego nesta variedade, sendo a fauce de amarelo intenso e as estrias, nítidas de cor clara; as sépalas e pétalas são levemente coloridas ou brancas.

Roxo-bispo — o colorido do labelo apresenta-se roxo-avermelhado “bispo” nesta variedade. As sépalas e pétalas são brancas ou tingidas ou estriadas com a mesma cor. Este nome originou-se da cor do manto usado pelos bispos da Igreja Católica. Há alguns anos atrás usava-se também o nome “santo de bispo” em Santa Catarina.

Roxo-violeta — o labelo nesta variedade apresenta-se com o colorido roxo-violeta ou azul-marinho escuro, quase preto. Sépalas e pétalas brancas ou apresentando tons azulados. É conhecido um clone striato desta variedade, com as estrias azuladas.

Russeliana — Nesta variedade o labelo tem o colorido rosa, mais ou menos intenso. As sépalas e pétalas podem ser brancas, levemente ou intensamente coloridas de rosa. O regulamento da FCO e da FGO dividem as russelianas em semi-albas e coloridas.

Tipo — o labelo apresenta a cor púrpura típica da espécie; as sépalas e as pétalas apresentam-se mais ou menos rosadas.

Vinicolor — na variedade vinicolor o labelo apresenta a cor de vinho tinto, enquanto as sépalas e as pétalas podem se apresentar brancas ou tingidas da mesma cor.